

BRIGADA DE ARTILHARIA OU ARTILHARIA DIVISIONÁRIA

— Incursão na História e na Doutrina —

(Continuação do artigo da edição anterior do INCONFIDÊNCIA.)

PARTE III



Ernesto Caruso

A mensagem do inimigo não foi bem recebida, nos seguintes termos: - “A resposta seguirá após ser fornecida alguma indicação do comando superior. (a) Major Kuhn, Ch EM/148ª DI.” A decisão foi de atacar.

A luta foi violenta à tarde, mas diminuindo ao cair da noite. As unidades preparavam-se para manter as posições conquistadas quando apareceu o Major W. Kuhn acompanhado de uma escolta com bandeira branca. Nos entendimentos ficou acertado que o fogo cessaria às 5:20 horas e que a rendição começaria às 12 horas.

A meia-noite, um batalhão de infantaria alemão cruzou as linhas em Respício e, ao alvorecer, outro se apresentou nessa região e a seguir a rendição do Batalhão de Carros de Combate da 90ª Divisão Panzer, a Divisão Bersaglieri, o grosso da 148ª Divisão de Infantaria, outras unidades e, por último o comandante da 148ª Divisão de Infantaria, General Otto Fretter Pico. Total de 14.779 homens, cerca de quatro mil animais e 2.500 viaturas.

O General Mark Clark, comandante do 25º Grupo de Exércitos, a respeito da manobra da divisão brasileira declarou que “foi magnífico final de uma atuação magnífica”.

A 30 de abril, a 1ª DIE recebeu a missão de ocupar a região de Alessandria e ficar em condições de progredir na direção norte, continuando a cortar a retirada do inimigo vindo do sul.

Estabelecido contato com a 92ª Divisão norte-americana. No dia seguinte ocupou-se a margem sul do Pó, região ao norte de Alessandria, e ultrapassou uma cidade de Turim. No dia 2 de maio, uma patrulha estabeleceu contato em Suza com a 27ª Divisão francesa.

A luta ainda continuava no resto da Europa. A vitória final ocorreu em 8 de maio de 1945, após a queda de Berlim.

Assim, no interregno de 16 de setembro de 1944, quando o 2º Grupo do 1º Regimento de Obuses Auto-Rebocado, integrando o Destacamento FEB, abriu fogo pela primeira vez nas encostas do Monte Bastione, passando pelo emprego da Artilharia Divisionária da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, ao final da guerra em 8 de maio de 1945, com muito sacrifício de heróis, mortos e feridos, ainda que em curto espaço de tempo, de oito meses, a FEB participou com realce da derrota de dois exércitos alemães (XVI Exército e Exército da Ligúria) que operavam no setor do V Exército norte-americano.

Percorrendo cerca de 400 quilômetros, libertando quase meia centena de vilas e cidades, com mais de 2.000 baixas, entre mortos, feridos e desaparecidos, 20.000 prisioneiros e impondo a rendição a duas divisões inimigas.

No emprego da Artilharia, foram cumpridas 2.995 missões de tiro e disparadas mais de 55.000 granadas.

Ratificando a vivência na guerra, vale destacar os seguintes dados do Catálogo de Acervos Documentais do Exército, que demonstram a genealogia das organizações em pauta:

1915 - 1ª BRIGADA DE ARTILHARIA
PARADA: Rio de Janeiro - RJ

ORIGEM: Criada pelo Decreto nº 11.498, de 23 de fevereiro de 1915

TRANSF: Extinta pelo Decreto nº 13.916, de 11 de dezembro de 1919

1915 - 3ª BRIGADA DE ARTILHARIA

PARADA: Rio de Janeiro - RJ

ORIGEM: Criada pelo Decreto nº 11.498, de 23 de fevereiro de 1915

TRANSF: 1ª Brigada de Artilharia (Decreto nº 13.916, de 11 de dezembro de 1919)

1919 - 1ª BRIGADA DE ARTILHARIA

PARADA: Rio de Janeiro - RJ

ORIGEM: 3ª Brigada de Artilharia (Decreto nº 13.916, de 11 de dezembro de 1919)

TRANSF: Artilharia Divisionária da 1ª Divisão de Infantaria (Decreto nº 556, de 12 de julho e Decreto nº 609, de 10 de agosto e Port nº 207, de 23 de agosto de 1938) DESTINADO

1915 - 3ª DIVISÃO DE EXÉRCITO

PARADA: Rio de Janeiro - RJ
ORIGEM: 5ª e 6ª Brigadas de Infantaria da 1ª Brigada Estratégica (Decreto nº 11.498, de 23 de fevereiro de 1915)

TRANSF: 1ª Divisão de Exército (Decreto nº 13.916, de 11 de dezembro de 1919)

1919 - 1ª DIVISÃO DE EXÉRCITO

PARADA: Rio de Janeiro - RJ
ORIGEM: 3ª Divisão de Exército (Decreto nº 13.916, de 11 de dezembro de 1919) Comando cumulado com o da 1ª Região Militar

TRANSF: 1ª Divisão de Infantaria (Decreto nº 15.235, de 31 de dezembro de 1921)

1921 - 1ª DIVISÃO DE INFANTARIA

PARADA: Rio de Janeiro - RJ
ORIGEM: 1ª Divisão de Exército (Decreto nº 15.235, de 31 de dezembro de 1921) Comando cumulado com o da 1ª Região Militar até 1946

TRANSF: 1ª Divisão de Exército (Decreto Reservado nº 01, de 11 de novembro de 1971)

1971 - 1ª DIVISÃO DE EXÉRCITO

PARADA: Rio de Janeiro - RJ
ORIGEM: 1ª Divisão de Infantaria (Decreto Reservado nº 01, de 11 de novembro de 1971)

1972 - ARTILHARIA DIVISIONÁRIA DA 1ª DIVISÃO DE EXÉRCITO

PARADA: Rio de Janeiro - RJ / Niterói - RJ (Port Cmt Ex Nr 900, de 20 de dezembro de 2004) (BE 52/2004)

ORIGEM: Artilharia Divisionária da 1ª Divisão de Infantaria (Portaria Reservada nº 036, de 07 de novembro de 1972)

1943 - 1ª DIVISÃO DE INFANTARIA EXPEDICIONÁRIA DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA

PARADA: Rio de Janeiro - RJ/Itália - 1944/Rio de Janeiro - RJ 1945

ORIGEM: Criada pelo Decreto Reservado nº 6.069, de 06 de dezembro de 1943

TRANSF: Extinta pelo Aviso nº 130-C, de 30 de janeiro de 1946

Como se constata, o reconhecimento

e a homenagem ao herói que sintetiza a participação dos militares da Arma de Artilharia na História da Segunda Guerra Mundial estão presentes na denominação histórica da Artilharia Divisionária da 1ª Divisão de Exército, Artilharia Divisionária Cordeiro de Farias, que foi seu comandante, Marechal Oswaldo Cordeiro de Farias. (fig.8)



Figura 8

Artilharia na Guerra do Paraguai

O paralelo que se pode estabelecer entre a participação da Artilharia do Exército brasileiro na Segunda Guerra Mundial e, em outra guerra externa, por sua relevância e quadro revelador de vultos que engalanam estandartes das organizações militares, está nos registros históricos do seu envolvimento na Guerra do Paraguai, que vai de 1864 a 1870.

Da vida militar do Patrono da Artilharia, Marechal Mallet, consta o seguinte, ainda como 2º Tenente, em 1823, tratando da Brigada de Artilharia, como opção para servir.

“Senhor

Diz Emilio Luiz Mallet, Segundo-Tenente do Regimento de Artilharia da Corte que ele suplicante assentou praça voluntariamente de Cadete nas Brigadas de Artilharia a Cavalos da Corte, aonde serviu a Vossa Majestade e à Nação, até que obteve em concurso o posto que hoje tem; como porém o suplicante tinha os maiores desejos em continuar a servir nas Brigadas de Artilharia a Cavalos; roga a Vossa Majestade Imperial que haja por bem que o suplicante continue a fazer o serviço de Oficial no referido corpo, na qualidade de agregado.

Peço a Vossa Majestade Imperial haja por bem de deferir ao suplicante como requer.

Rio de Janeiro, 28 de novembro de 1823
Emílio Luiz Mallet, Segundo-Tenente”
“ABRE-SE O TEMPLO DE JANO” é título do trecho abaixo transcrito do livro de J.V. Portella Ferreira Alves — MALLETT, O PATRONO DA ARTILHARIA, a demonstrar o significado da ruptura da paz, perpetrada pelo Paraguai.

As portas de Jano eram fechadas em tempo de paz e abertas em tempos de guerra. “Solano Lopez fez invadir Mato Grosso por uma forte coluna que ocupou o sul da província. Outra tomou a direção do Rio Grande do Sul, onde as tropas do Tenente-Coronel Antonio de La Cruz Estigarribia ocuparam São Borja, Itaqui e Uruguaiana.” Invadindo e violando a neutralidade Argentina.

(O artigo continua na próxima edição do INCONFIDÊNCIA.)

Publicado no livro, **RAÍZES HISTÓRICAS DO 18º GRUPO DE ARTILHARIA DE CAMPANHA** — Ernesto Caruso e no e-book

https://issuu.com/ecarusu/docs/raizes_historicas_do_18_gac_pdf

* Coronel, Administrador e Membro da Academia de História Militar Terrestre do Brasil

Tropa aguerrida e disposta a afrontar e ocupar o território do Império do Brasil.

Sob o comando do Coronel Resquin, eram mais de 4.000 soldados, a intimar o comandante do Forte de Coimbra, coronel Porto Carrero, a render-se.

Com apenas 157 combatentes não se rendeu e lutou enquanto pode por dois dias, evacuando “habilmente num dos navios com toda sua valente guarnição”.

A retomada de Uruguaiana se dá em 18 de setembro de 1865, por rendição da tropa invasora, cercada pelo Exército aliado com 17.346 homens (Brasil, Argentina e Uruguai), com a presença do imperador D. Pedro II.

A destacar a promoção de oito integrantes da Artilharia que desde Paissandu e Montevideu se distinguiram (OD nº 128, 14/11/1866); Mallet foi efetivado como coronel; foram promovidos a brigadeiro, os Coronéis Alexandre Gomes de Argollo Ferrão e José Joaquim Fontes, este, que comandava o 1º Regimento de Artilharia a Cavalos em Monte Caseros. A major os capitães, Manoel de Almeida Lobo D’Eça e Hermes Ernesto da Fonseca. A capitão os tenentes Antonio Tibúrcio Ferreira de Souza, João Nepomuceno de Medeiros Mallet e José Carlos Cabral, morto pouco depois no reconhecimento de Itapua.

Em 10 de maio de 1866 no acampamento de Taicorá, Província de Corrientes, para apoiar a arma base, prontos para a campanha, um Comando Geral de Artilharia formado por 3 unidades de Artilharia (1.404 homens, 48 canhões de 4,6 e 12, raiados La Hitte).

Da Batalha de Tuiuti, 24/05/1866, lê-se: “No decurso da batalha, Osório manda reforçar a Artilharia da frente com duas baterias (oito bocas-de-fogo de calibre 6) do 3º Batalhão de Artilharia a Pé. Victorino fê-las tomar posição no centro da sua Infantaria que se acha à direita do Regimento Mallet. O Brigadeiro Gurjão, comandante da Brigada de Artilharia (17ª), dirige aí a ação dessas bocas-de-fogo.”

Após a Batalha de Tuiuti, por falta de mobilidade da tropa empenhada não se pode concretizar uma perseguição mais efetiva sobre o inimigo.

Os combates de 16 e 18 de julho (Sauce e Boqueirão), considerados um segundo tempo da Batalha de Tuiuti, permitiram a consolidação do terreno conquistado e o planejamento para as futuras operações.

As ações sobre Curuzu e Curapaiti foram apoiadas de forma descentralizada pela Artilharia. O ataque de 3 de setembro sobre Curuzu logrou êxito, mas o prosseguimento em 22 de setembro sobre Curapaiti, defendida por 8.000 homens, não.

Tropas brasileiras concentradas em Tuiuti, onde em 18 de novembro de 1866, o Marquês de Caxias assume o Comando. Rearticulação das forças. Criação de uma Brigada de Artilharia sob o Comando do Coronel Mallet. Nas palavras de Caxias referindo-se a posse de Humaitá que durou doze meses: “A guerra que temos de fazer é mais de caçadores e artilheiros.”